

RIO DE JANEIRO



INDICIADOS POR TORTURA E HOMICÍDIO

Dr. Jairinho e mãe de Henry estão presos pela morte do menino. Segundo investigações, garoto de 4 anos foi assassinado após sofrer sessões de tortura

O vereador Dr. Jairinho (sem partido) e Monique Medeiros, presos ontem de manhã acusados da morte do menino Henry Borel, 4 anos, na madrugada de 8 de março, serão indiciados por tortura e homicídio duplamente qualificado. A pena pode superar 30 anos. Henry é filho de Monique com o engenheiro Leniel Borel. Com base nas investigações, a Polícia Civil concluiu que o menino foi assassinado após sessões de tortura. O casal era monitorado há dois dias e foi preso em Bangu, por agentes da 16ª DP (Barra). Os mandados de prisão são temporários por 30 dias e foram expedidos pelo 2º Tribunal do Júri da Capital. Na versão do casal, a criança sofreu acidente no quarto do apartamento onde moravam, na Barra, hipótese descartada pela polícia.

Jairinho e Monique são suspeitos de atrapalhar investigações, ameaçar e combinar versões com testemunhas. A polícia identificou que o vereador agredia Henry com chutes e golpes na cabeça, com o conhecimento da mãe, que seria conivente. Amiga íntima de uma ex-namorada do vereador, revelou, em entrevista à Veja, que quando o filho da ex saía com ele, voltava roxo ou com a perna quebrada.

A polícia ouviu 16 pessoas. Há relatos de agressões contra filha de uma ex-namorada de Jairinho. Uma amiga íntima de uma ex-namorada dele, disse à polícia que ele arranjava motivos para sair sozinho com filho da amiga e que em uma vez, a criança voltou desfigurada e com os olhos roxos, como se tivesse passado por “sessão de tortura”. O vereador teria alegado que a criança havia caído de cabeça.

Advogado de Monique e de Jairinho, André Barreto afirmou ontem que o casal não cometeu qualquer agressão contra Henry. “Eles não sabem de agressão, não existe agressão”, afirmou. Ao ser questionado sobre os prints das conversas entre a babá de Henry a mãe do menino, disse que não teve acesso às mensagens e alegou que a polícia obteve o conteúdo de forma incorreta. Informou que casal não planejava fugir e que se revezava em endereços informados à polícia. O delegado responsável, Henrique Damasceno, da 16ª DP, afirmou que o casal estava em residência diferente do que foi dito à polícia.

RELATOS DA DOR DE HENRY

NI 29909 / LAUDO Nº014774/2021 – ICCE/DPE/SPAÍ

Troca de mensagens de Monique e Thayná, babá de Henry, revelam que as duas sabiam das agressões

“Eles não sabem de agressão, não existe agressão”, ANDRÉ BARRETO, advogado de Monique e Jairinho

Prints: mãe e babá sabiam de agressão

Os prints das conversas entre a babá de Henry Borel, Thayná de Oliveira, e a mãe, Monique Medeiros, revelam que as duas já sabiam das agressões de Jairinho contra o menino. Em entrevista coletiva, o delegado que comanda as investigações, Henrique Damasceno, da 16ª DP (Barra), confirmou que o acesso às mensagens foi fundamental para a prisão. Segundo o diretor da Perícia Técnica, Danilo Marques, a causa do óbito foi lesão hepática. “Houve lesões na cabeça e pulmão”. “Prints da babá avisando Monique de que Henry relatava violências foram importantes para a polícia verificar que o depoimento do casal, de que a família era harmoniosa, era mentirosa. Nessas conversas, a babá fala que Henry relatou que o padrasto o pegou pelo

braço, deu uma banda e chutou. No telefone da mãe encontramos prints de conversas que foram provas relevantes. (Prints) de quase um mês antes do crime, dia 12 de fevereiro. A própria babá fala que Henry estava mancando, e que quando quis dar banho, não deixou lavar a cabeça porque estava com dor”, relatou o delegado Henrique Damasceno. Para ele, a casa vivia “rotina de violência”, e tanto Thayná, a babá, quanto a mãe Monique sabiam disso. “Ficou constatado que a rotina dentro daquele apartamento era uma rotina de violência. O Henry relatou que ele sempre fazia isso. Ele era ameaçado pelo padrasto: ‘se você contar, vou te pegar. Você está atrapalhando a sua mãe’”, disse Henrique Damasceno.

LIVRAR DO FLAGRANTE

Casal tentou jogar celulares fora

Na coletiva, a delegada assistente da 16ª DP, Ana Carolina Medeiros, afirmou que o casal tentou se desfazer de celulares com a chegada da Polícia Civil, na casa onde estavam em Bagu. “O casal foi encontrado em uma residência diferente do que foi dito em sede policial. Eles foram localizados na residência de uma tia do padrasto do menino e tentaram se desfazer dos celulares, atirando os mesmos pela janela. A polícia conseguiu os celulares”, disse Ana Carolina. Jairinho e Monique foram encontrados juntos. “Eles estavam no mesmo quarto, dormindo juntos, e não ofereceram resistência à prisão. Concomitantemente foi feita busca e apreensão com a babá Thayná. O celular dela foi apreendido, em que estavam conversas com Monique”. Após serem presos em Bangu, Monique Medeiros e Dr. Jairinho foram levados à 16ª DP (Barra), onde o parlamentar prestou depoimento em outro caso

Pessoas xingaram os dois na saída da DP. Um homem exaltado deu um tapa no vereador

ao titular da Delegacia da Criança Adolescente Vítima (DCAV) sobre agressões contra ex-namorada e a filha dela. Em seguida, os dois foram levados à Polinter e ao IML, para serem encaminhados às unidades prisionais. Pessoas que acompanhavam a saída do casal da DP xingaram os suspeitos e chamaram-nos de assassinos. Um homem exaltado chegou a furar o bloqueio da polícia e deu um tapa no vereador. Monique e Jairinho chegaram na Polinter por volta de 13h. Eles foram em viaturas separadas. O vereador, algemado, não respondeu perguntas da imprensa. Monique também chegou algemada. Ao ser perguntada se ela sabia das agressões sofridas por Henry, indicou com a cabeça que não sabia.

Interferência financeira

A Polícia Civil vai investigar se houve interferência financeira sobre algumas testemunhas que prestaram depoimento no caso que investiga o morte do pequeno Henry Borel, de 4 anos. O DIA apurou que um desdobramento da investigação segue a linha de que Jairinho usou da sua influência financeira para interferir no depoimento de possíveis testemunhas do caso, principalmente sobre a babá do menino, Thayná de Oliveira Ferreira. Segundo as investigações da polícia, a profissional contratada para cuidar de Henry tem um padrão de vida acima do seu salário. A babá mora na Zona Oeste do Rio e trabalhava há pouco tempo para casal. O delegado Henrique Damasceno, titular da delegacia da Barra da Tijuca, disse que a babá mentiu em seu depoimento, ao dizer que não sabia sobre as agressões sofridas pelo pequeno Henry. Ela não foi indiciada. Foi ela quem alertou a mãe sobre as torturas de Jairinho contra a criança. Segundo investigadores, os prints foram apagados do celular de Monique, mas foram encontrados em uma galeria de imagens da mãe de Henry.

O casal foi encontrado em residência diferente do que foi dito em sede policial”

ANA CAROLINA MEDEIROS, delegada assistente da 16ª DP